

SERGIO SOLIMANDO

MODOS GREGOS
(Fundamentos aplicados)

INFORMAÇÕES E CRONOGRAMA

MODOS NATURAIS

PROPOSTA

O curso “Modos Gregos – Fundamentos Aplicados” tem como principal objetivo, o de fornecer ao estudante as informações técnicas, teóricas e, principalmente, “práticas” pertinentes ao estudo da matéria.

Os modos são de fundamental importância, tanto para o desenvolvimento harmônico quanto melódico. No entanto (e infelizmente), nota-se uma “mistificação” por parte de muitos em torno do assunto (mas estão enganados).

Não há nada de “inatingível” relacionado a estes estudos. Uma pessoa, de forma progressiva, racional e organizada didaticamente, poderá (desde que persista) dominar a matéria.

Vencidos os primeiros obstáculos, naturais e compreensíveis, notar-se há que de fato, não se trata de algo complexo.

Este curso trata dos Modos Gregos, propriamente ditos. Ou seja, da compreensão e do desenvolvimento prático dos mesmos no braço do instrumento.

Embora a intenção tenha sido a de criar um curso pensando naqueles cujo conteúdo aqui apresentado seja totalmente novo e desconhecido, poderá contribuir também, com aqueles que já estudaram a matéria, mas apresentam dúvidas e lacunas no seu aprendizado.

Por isso, houve também o cuidado de preencher todas essas prováveis “lacunas e dúvidas”. Fazendo uso até, em algumas aulas, de informações complementares relacionadas à história da música e a bibliografia musical, citando livros academicamente reconhecidos e já consagrados pelo uso que tratam do tema. Obviamente, somente quando isso foi necessário e devidamente justificado.

ESTE CURSO É INDICADO PARA

1. Já iniciados no estudo da harmonia
2. Iniciantes no estudo dos modos gregos
3. Já iniciados que apresentem lacunas relacionadas ao assunto

PARA ADQUIRIR O CURSO CLIQUE NO LINK ABAIXO

<https://go.hotmart.com/O168342600>

JUSTIFICATIVA

Algumas pessoas interessadas em desenvolver a habilidade no seu instrumento, direcionando-a ao estudo da harmonia funcional, acabam muitas vezes negligenciando o estudo dos modos, por acreditar que isso é um assunto desnecessário para o seu propósito. Assim como, poderá ocorrer o oposto, ou seja, com pessoas cujo interesse maior estará voltado em desenvolver a habilidade de improvisar linhas melódicas, virem a negligenciar o estudo da harmonia.

O que tem que ficar claro, inicialmente, é que a música é composta, num primeiro “escalão” por assim dizer, por: harmonia, melodia e ritmo, delegando a um segundo escalão os elementos correspondentes ao timbre, à forma e à textura.

A harmonia consiste, resumidamente falando, no estudo da combinação dos sons, e, a improvisação melódica na criação de linhas melódicas, instantaneamente, sobre uma dada progressão de acordes, geralmente, pré-definida. Embora possa ocorrer também a improvisação sobre texturas polifônicas, ou seja, dois ou mais músicos improvisando simultaneamente linhas melódicas diferentes, ou, um único músico improvisando, no seu instrumento, duas ou mais linhas diferentes, simultaneamente (esta última alternativa exigirá extrema habilidade técnica e intuitiva por parte do executante, assim como, dependerá do instrumento musical utilizado, ou seja, guitarra, piano, violão, acordeão, etc.).

Raciocine:

- 1) Se a harmonia consiste na combinação dos sons, como posso combinar esses sons simultaneamente, sem tê-los dominado previamente, um por um?
- 2) Como posso improvisar uma linha melódica sobre uma seqüência de acordes, se desconheço o que essas notas representam para os acordes sobre o qual as toco?.

Não esquecer que, falando de forma simplista, a mera combinação simultânea de dois sons considera-se harmonia. Ou seja, quando estou improvisando melodicamente, a bem da verdade, estou também “harmonizando”, porque estou tocando notas que:

- a) Fazem parte do acorde, ou
- b) Poderiam fazer parte dele, ou
- c) Não fazem parte dele, porém, poderia utilizá-las de maneira auxiliar, no intuito de alcançar uma dada nota correspondente a um dos dois itens anteriores.

O curso foi desenvolvido, justamente, para atender às duas necessidades, ou seja, funcionará (e será indispensável) tanto para aqueles que desejam continuar os seus estudos relacionados à harmonia funcional, quanto àqueles que desejam desenvolver seus estudos direcionados à improvisação melódica.

Toda a matéria, sem exceção, é colocada em prática e direcionada ao braço do instrumento. Sim, há de fato muitas informações técnico-teóricas, porém, indispensáveis e totalmente pertinentes ao assunto. Elas são imediatamente exemplificadas no decorrer da mesma aula que foram mencionadas.

O curso foi planejado de forma tal que, ao concluí-lo, o estudante terá desenvolvido totalmente o campo harmônico maior, os modos, as escalas de acorde, os elementos fundamentais do sistema tonal e suas diferenças com o modal, em qualquer altura ou região do braço. Tudo terá ocorrido automaticamente, de maneira natural e progressiva. E o que é extremamente proveitoso: “enxergando” tudo isso no instrumento.

CRONOGRAMA

Aula 1

Organização didática relacionada aos grupos dos:

- a) Modos naturais
- b) Modos sintéticos ou artificiais
- c) Modos históricos ou folclóricos
- d) Modos pentatônicos
- e) Modos de transposição limitada.
- f) Modos inventados

Definição dos modos como ferramenta a ser aplicada tanto no sistema modal quanto no sistema tonal

Fundamentos históricos que justificam o sistema modal arcaico, o sistema tonal e o sistema modal contemporâneo. Compreensão da importância da música “ficta” (primeiros passos na direção do sistema tonal) no período renascentista e das tendências do século XX, como o atonalismo, o impressionismo, o expressionismo, as influências jazzísticas, o dodecafonismo e o serialismo integral entre outras.

Nesta aula, são apresentadas diversas referências bibliográficas com o propósito de exemplificar a importância da matéria relacionada aos modos no estudo da harmonia.

Aula 2

Introdução aos modos

A relação direta modo x escala

O que diferencia um modo do outro

O que se entende por modos maiores e modos menores

Exemplos (simplificados) no braço do instrumento

Compreensão (etimologia) da palavra escala (scala) e modo (modus), com o propósito de sedimentar as informações.

Referências bibliográficas, academicamente reconhecidas e aceitas como verdadeiras que desmistificam o equívoco de interpretar “modos e escalas” como se estes fossem elementos diferentes.

Aula 3

Formação dos modos naturais

Análise intervalar dos sete modos

Fórmulas que originaram os modos

Associação dos sete modos aos sete graus da escala diatônica maior

Tétrades originadas sobre a fundamental de cada modo e associadas aos graus da escala diatônica maior

Relação direta entre graus x modos x tétrades

Procedimento pelo qual, através das fórmulas previamente analisadas e dos conjuntos intervalares, poderemos obter qualquer modo em qualquer altura.

Compreensão lógica e racional da razão de qualquer modo poder, na prática, ser iniciado e finalizado em qualquer nota que faça parte da sua formação.

Aula 4

Informações prévias referentes ao sistema CAGED

Associação dos modelos pela fundamental na sexta, quinta e quarta corda, ou seja, modelos com tendência intervalar à esquerda e à direita de cada fundamental do modelo.

Associação dos modelos de oitava (imprescindíveis para futuros estudos neste mesmo curso) contidos em cada modelo do CAGED

OBSERVAÇÃO: Esta aula foi extraída do curso “Técnicas fundamentais de Harmonia”, já publicado na plataforma. Entretanto, seria impossível dar continuidade à matéria para aqueles que não fizeram o curso anterior. Razão pela qual houve a necessidade de incluir aqui essa aula. Se você já fez o curso anterior, poderá saltar sem problemas para a aula 5.

Aula 5

Entendendo a razão lógica e matemática dos dois sistemas, consagrados pelo uso, de digitação das escalas no braço do instrumento.

Compreensão, digitações e associação racional das escalas ao sistema CAGED.

Compreensão, digitações e associação racional das escalas ao sistema três notas por corda.

Com qualquer um dos dois sistemas acima, o estudante poderá obter, automaticamente, qualquer modo natural, em qualquer altura, explorando todo o braço do instrumento.

Ainda nesta aula, informações adicionais explicando e comprovando porque é equivocado, ou, no mínimo, “não aconselhável” dar nome de modos a meros desenhos de digitação de escalas (modo não é desenho).

Aula 6

Explicação simples e direta, a respeito do que significam os modos relativos.

Aplicação prática dos modos relativos.

Nesta aula utilizamos sete progressões. Cinco progressões modais e duas tonais.

A finalidade é fazer uso dos sete modos gregos abrangendo, cada um, o braço todo do instrumento.

Cada aplicação é precedida pela informação teórica necessária para compreender o que estará ocorrendo tanto no aspecto harmônico quanto melódico. A análise é feita individualmente, nota por nota, e relacionada com a matéria estudada nas aulas anteriores.

Aula 7

Como digitar, de forma rápida e direta, qualquer modo em qualquer altura abrangendo todas as possibilidades do braço do instrumento.

Procedimentos que você poderá adotar para localizar, no braço do instrumento, quaisquer modos relativos em quaisquer alturas.

Sugestões e idéias que poderão ser utilizadas para criar diversas progressões harmônicas e sobre elas, se houver interesse ou necessidade, improvisar.

Exemplos aplicados utilizando tríades, tétrades e sons básicos associados aos respectivos modos.

Aula 8

Definição do que são os modos homônimos

Como verificar as diferenças, no instrumento, entre os modos homônimos

Exemplos de modelos de escalas de onde foram extraídos os modos homônimos (associação ao sistema CAGED) aplicados na própria aula.

Procedimento que você deverá adotar para verificar as diferenças entre os modos homônimos

Exemplo prático aplicando o modo Jônio em dó em todo o braço.

OBSERVAÇÃO: Por questões de organização didática, os seis modos homônimos restantes, ou seja, Dórico em dó, Frígio em dó, Lídio em dó, Mixolídio em dó, Eólio em dó e Lócrio em dó, foram apresentados, individualmente, nas seis aulas restantes, ou seja: na 9ª aula o modo Dórico em dó, na 10ª aula o modo Frígio em dó, e assim por diante até a 14ª apresentando o modo Lócrio em dó.

Aula 9

Análise e aplicação do modo Dórico em dó.

Intervalos relacionados ao modo Dórico em dó.

Fórmula relacionada ao modo Dórico em dó.

Obtendo o modo Dórico em dó no braço todo do instrumento apoiando-se no sistema CAGED

Aula 10

Análise e aplicação do modo Frígio em dó.

Intervalos relacionados ao modo Frígio em dó.

Fórmula relacionada ao modo Frígio em dó.

Obtendo o modo Frígio em dó no braço todo do instrumento apoiando-se no sistema CAGED

Aula 11

Análise e aplicação do modo Lídio em dó.

Intervalos relacionados ao modo Lídio em dó.

Fórmula relacionada ao modo Lídio em dó.

Obtendo o modo Lídio em dó no braço todo do instrumento apoiando-se no sistema CAGED

Nesta aula é explicada a razão de ser considerada correta e aceitável a definição utilizada por alguns músicos ao se referir aos modos por “escalas” e aplicar como adjetivo o nome do modo no feminino, ou seja: no lugar de modo lídio muitos dizem escala lídia, no lugar de modo dórico muitos dizem escala dórica, no lugar de modo frígio muitos dizem escala frigia e assim por diante. Sim. Estão corretos.

Na aula é “desmistificada” a crença de alguns de que dita denominação estaria equivocada.

Aula 12

Análise e aplicação do modo Mixolídio em dó.

Intervalos relacionados ao modo Mixolídio em dó.

Fórmula relacionada ao modo Mixolídio em dó.

Obtendo o modo Mixolídio em dó no braço todo do instrumento apoiando-se no sistema CAGED

Aula 13

Análise e aplicação do modo Eólio em dó.

Intervalos relacionados ao modo Eólio em dó.

Fórmula relacionada ao modo Eólio em dó.

Obtendo o modo Eólio em dó no braço todo do instrumento apoiando-se no sistema CAGED

Aula 14

Análise e aplicação do modo Lócrio em dó.

Intervalos relacionados ao modo Lócrio em dó.

Fórmula relacionada ao modo Lócrio em dó.

Obtendo o modo Lócrio em dó no braço todo do instrumento apoiando-se no sistema CAGED

Nesta aula são explicadas as razões que levaram à criação do modo Lócrio, assim como, a sua diferença de importância entre o sistema tonal e o sistema modal.

Aula 15

Embora os intervalos correspondentes aos modos tenham sido mencionados e utilizados no procedimento analítico, desde a terceira aula, é somente a partir desta décima quinta aula, que a memorização dos mesmos tornar-se há imprescindível para a continuidade do curso. Porém, com as referências dadas nesta aula e partindo do princípio que toda a matéria das aulas anteriores foi devidamente resolvida no instrumento, será uma tarefa relativamente simples de se realizar. De fato, será um avanço significativo.

Esta aula proporcionará ao estudante a capacidade de ver, no braço do seu instrumento, em qualquer altura, os intervalos e o modelo de um determinado modo, dentro de cada um dos cinco modelos do CAGED. Essa associação acompanhará a téttrade formada sobre o mesmo grau da escala que o seu respectivo modo. O que quer dizer que, dentro de um mesmo modelo de escala maior, o modelo E, por exemplo, o aluno conseguirá “enxergar” o Modo Jônio e a téttrade I7M no modelo E, o Modo Dórico e a téttrade II7 no modelo G, o Modo Frígio e a téttrade III7 no modelo A e assim por diante. E o que é mais proveitoso, tudo por intervalos. Neste caso, a altura e/ou a região do braço deixarão de importar e deixarão de ser um obstáculo. Somente os “números”, ou seja, os intervalos e o modelo de associação importarão. Em qualquer altura e em qualquer região do braço será possível formar qualquer campo harmônico, qualquer modo.

Aula 16

Nesta aula são apresentadas as possibilidades de acordes explorando todos os intervalos dos sete modos.

É dada a explicação da análise a ser feita para saber quais deles poderiam ser aplicados no sistema tonal e no sistema modal, ou seja, saber diferenciá-los.

É explicado como associar e dividir os modos nas quatro categorias de acorde, subdivididas em sete grupos, oriundas do sistema tonal.

São apresentados exemplos de improvisação combinando diversos arpejos extraídos do modo, tanto aqueles baseados na mesma fundamental que ele quanto outros de diferente fundamental, que funcionam como prováveis substitutos, ao reinterpretar seus intervalos em relação à tônica do modo, ou seja, soam como outros prováveis intervalos compatíveis com o acorde.

É passada a idéia de “focar” (alvo/ onde repousar ou “parar”) em notas específicas, dando um melhor sentido melódico ao modo.

Aula 17

É explicada a razão de, muitas vezes, termos que aplicar um mesmo modo em alturas diferentes em uma mesma progressão, o que consistirá em ter que, literalmente, mudar de escala. Ter o domínio desta matéria, de maneira fluente e orgânica, é um requisito fundamental no estudo da harmonia e improvisação. Nesta aula, exemplifica-se e analisa-se o uso do modo Jônio em duas alturas diferentes em todo o braço do instrumento.

Aula 18

Dando continuidade ao estudo iniciado na aula anterior, caberá, nesta aula, analisar e aplicar o modo Dórico em duas alturas diferentes em todo o braço do instrumento. Tanto a aula 17, quanto esta e a posterior (aula 19), são modelos de aplicação que, se corretamente estudados, darão ao estudante a autonomia necessária para proceder, de forma análoga, com quaisquer outros modos.

Aula 19

O estudo é ampliado aqui para três alturas diferentes. Embora o procedimento seja o mesmo daquele já adotado nas duas aulas anteriores, caberá agora uma terceira altura no exercício de mudança de escalas. O modo escolhido para isso é o Mixolídio, em três alturas diferentes, aplicado sobre uma clássica estrutura Blues de 12 compassos.

Aula 20

Nesta aula de encerramento são apresentadas informações complementares pertinentes ao estudo dos modos, tais como:

- 1) A origem dos nomes, baseada em um “equivoco histórico”.
- 2) Os acordes mais e menos frequentes que poderão ocorrer nos sistemas
- 3) O campo harmônico maior, incluindo agora todas as suas possibilidades intervalares e como o estudante poderá obre-lo em qualquer altura.
- 4) O significado do termo “harmonia diatônica” e sua relação direta com o campo harmônico.

CARGA HORÁRIA DAS AULAS

Observação importante: a carga horária das aulas não traduz o tempo que você precisará investir no estudo do material. Poderá ocorrer de uma aula mais “curta” exigir de você mais tempo de estudo do que uma aula que é mais longa. Tudo dependerá da matéria tratada e do tempo necessário para deixá-la definitivamente resolvida no instrumento. Por exemplo, a primeira aula dura 19:10 e a oitava aula dura 11:05. Entretanto, você notará que as informações da primeira aula não exigirão de você tanto tempo de estudo quanto a oitava. Isso ficará claro no decorrer do próprio curso.

AULA	MATÉRIA	DURAÇÃO
1 ^a	Sobre o Curso – Modos Gregos – Sistema Modal – Sistema Tonal	19:10
2 ^a	Escalas e Modos	09:14
3 ^a	Os sete modos gregos – Resumo dos modos e os seus intervalos – Fórmulas de tons e semitons	20:32
4 ^a	Sistema CAGED	11:39
5 ^a	Digitações para a aplicação prática – Escala Maior em dó sistema CAGED e 3 notas por corda	14:50
6 ^a	Modos Relativos – Jônio C – Dórico D – Frígio E – Lídio F – Mixolídio G – Eólio A – Lócrio B	21:08
7 ^a	Como digitar qualquer modo em qualquer altura	17:09
8 ^a	Modos homônimos	11:05
9 ^a	Modo Dórico em dó	04:36
10 ^a	Modo Frígio em dó	05:03
11 ^a	Modo Lídio em dó	06:53
12 ^a	Modo Mixolídio em dó	04:56
13 ^a	Modo Eólio em dó	03:56
14 ^a	Modo Lócrio em Dó	07:09
15 ^a	Como memorizar os intervalos gerados por cada modo	14:34
16 ^a	Acordes baseados nos intervalos dos modos	27:43
17 ^a	Modo Jônio em duas alturas	06:59
18 ^a	Modo Dórico em duas alturas	04:42
19 ^a	Modo Mixolídio em três alturas	06:25
20 ^a	Informações Complementares – Campo Harmônico	06:29
<i>CARGA HORÁRIA TOTAL</i>		<i>03:44:12</i>